

## **RESUMOS EM ORDEM ALFABÉTICA DE ACORDO COM AUTORIA**

### **III Jornada de Estudos sobre Henry James I Simpósio de Estudos sobre Realismo e Modernismo 11, 12 e 13 de junho de 2025**

#### **ANDERSON GONÇALVES (USP)**

##### **IBSEN, A PERIFERIA EUROPEIA E O MODERNISMO: JAMES E JOYCE, LEITORES DA CRISE DO DRAMA**

Entre o fim do século XIX e o início do XX, houve no centro europeu duas grandes vogas literárias vindas de sua periferia econômica, a literatura russa e a literatura escandinava. Se da primeira Dostoiévski e Tólstoi aparecem como sua crista, desta última cabe a Ibsen esse papel. O dramaturgo norueguês se tornou referência inescapável na Europa moderna: suas peças davam o pontapé inicial da chamada “crise do drama”, que abre as portas do modernismo em teatro. Suas peças foram encenadas em inúmeros países, o lançamento delas em livro era uma pequena operação transnacional do mercado editorial, seus contratos eram cuidadosos com respeito aos direitos autorais para palco e livro. Foi citado e estudado por muitos, e aqui nos interessa sua recepção por dois autores, Henry James e James Joyce. O primeiro tido como central na passagem do realismo ao modernismo e o segundo como um dos maiores representantes do modernismo propriamente. Para os ingleses, a exótica Noruega parecia “too far from Piccadilly”. Para os irlandeses, o primeiro Ibsen era tão próximo que servia de modelo para a construção de um teatro nacional. Em resumo, formas de localismo. Entretanto, para nossos dois autores, “refuncionalizando” os termos dos debates, tudo parecia girar em torno da questão do provincianismo e da desprovincianização simultaneamente. De maneira distintas, James e Joyce chegam a conclusões similares sobre um autor cujo ponto de vista soube transformar a especificidade provinciana em uma universalidade, em que os termos se criticam.

Palavras-chave: Teatro europeu; provincianismo; Henrik Ibsen; Henry James; James Joyce.

**DIANA COSTA FORTIER SILVA (UFC)**

**UM EXERCÍCIO EXPLORATÓRIO DE UTILIZAÇÃO DE IA PARA A REVISÃO  
SISTEMÁTICA DA FORTUNA CRÍTICA DE *THE TURN OF THE SCREW***

A aplicação da Inteligência Artificial (IA) no campo da crítica literária tem permitido avanços significativos na sistematização e análise de grandes volumes de dados textuais (UNDERWOOD, 2019; JOCKERS, 2013; ROCKWELL; SINCLAIR, 2016, entre outros). No caso de *The Turn of the Screw* (1898 – doravante *Turn*), de Henry James, cuja fortuna crítica é extensa e complexa, as tecnologias baseadas em IA, especialmente os sistemas de processamento de linguagem natural (PLN), têm sido utilizadas para organizar, categorizar e sintetizar as interpretações e leituras acumuladas ao longo de mais de um século. Argumenta-se que ferramentas como análise de tópicos (topic modeling), mineração de textos (text mining) e redes semânticas permitem identificar temas recorrentes, mudanças de paradigmas críticos e a evolução das abordagens interpretativas — desde a crítica psicanalítica e estruturalista até abordagens pós-modernas, feministas e pós-coloniais, bem como oferecem uma visão diacrônica das leituras críticas, evidenciando como eventos históricos e contextos culturais moldaram interpretações específicas da narrativa ambígua de James. Acredita-se que a IA contribui ainda para revisões sistemáticas mais abrangentes, ajudando na detecção de padrões discursivos e na visualização de dados, o que melhora a compreensão das tendências e lacunas existentes na fortuna crítica. Tais abordagens são cada vez mais valorizadas em estudos digitais (digital humanities), proporcionando uma visão meta-crítica que se propõe rigorosa e imparcial. Para realizar a revisão sistemática da fortuna crítica da obra *The Turn of the Screw*, existem diversas ferramentas de IA que prometem otimizar o processo de pesquisa e análise literária. Estas ferramentas permitiram a busca, triagem, extração de dados e análise crítica de artigos e publicações acadêmicas. Este trabalho apresenta os resultados comparativos de levantamentos sistemáticos de fortuna crítica obtidos a partir do uso de diversas ferramentas de inteligência artificial, e discute a real utilidade e validade do emprego de tais recursos.

Palavras-chave: Henry James; *The Turn of the Screw*; Inteligência Artificial; revisão sistemática; fortuna crítica.

## GABRIEL GIMENES DE GODOY (USP)

### A LIÇÃO DE HAWTHORNE

Na trajetória literária do norte-americano Henry James (1843-1916), sua migração para a Europa é central. O contato com a vanguarda realista francesa, capitaneada por Flaubert, foi decisivo em suas experimentações técnico-formais envolvendo o ponto de vista narrativo; a partir da longa maturação da técnica perspectivista flaubertiana, foi possível a ele abrir caminho para a ficção modernista do século XX em seus trabalhos tardios (tal como afirma Peter Brooks em *Henry James Goes To Paris*). Sem desconsiderar a lição europeia, essa comunicação quer, no entanto, chamar atenção para outra: a local, ligada ao seu torrão de origem. Entra em cena o provinciano e moderno, puritano e democrático, Estados Unidos de meados dos oitocentos, cujos artistas, embora empenhados na realização de um romance (*novel*) americano, viam-se confrontados por uma configuração social, a um só tempo retrógrada e moderna, desencorajadora e promissora – distinta da europeia, em sua –, que lhes inviabilizava o esforço (seguimos, aqui, o quadro geral esboçado por Leslie Fiedler em *Love And Death In The American Novel*, porém a partir da perspectiva crítica de Antonio Candido e Roberto Schwarz, interessado em compreender a dinâmica dual de reprodução da cultura em países periféricos). Nessa direção, pretendemos nos centrar nas linhas gerais da escrita novelística de Nathaniel Hawthorne (1804-1864). Aclamado pelos contemporâneos como o maior ficcionista local, precursor direto do trabalho de James (no que assinala Francis O. Matthiessen em seu estudo seminal, *American Renaissance: Art And Expression In The Age Of Emerson and Whitman*), Hawthorne reteve contradições e impasses os quais, ainda que tenha tentado solucioná-los à sua maneira, encontrou encaminhamento distinto e moderno, por assim dizer, em seu sucessor. Ao assinalar o débito de James a Hawthorne buscamos, então, entender os termos em que consiste o salto qualitativo do primeiro operado em relação ao segundo; trata-se de melhor esquadrihar o lugar que James ocupa na tradição novelística estadunidense como escritor responsável por desprovincializar a experiência local antes confinada ao romance.

Palavras-chave: Henry James; Nathaniel Hawthorne; literatura norte-americana.

## GERALDO MAGELA CÁFFARO (UNIMONTES)

### A “HAUNTING ANXIETY”: AFFECT AND SPECTRALITY IN JAMES’S PREFACES TO THE NEW YORK EDITION

Henry James’s New York Edition Prefaces enjoy a special status in the author’s scholarship. John H. Pearson’s *The prefaces of Henry James: framing the modern reader* (1977), Michael Anesko’s *Friction with the market: Henry James and the profession of authorship* (1986), and David McWhirter’s *Henry James’s New York Edition: the construction of authorship* (1995) are just some of the best-known examples of critical appreciations of those texts. While these works have shed light on the self-monumentalizing motivations underlying the Edition as well as on its circumstances of composition and publication, much remains to be explored in terms of the affective poetics of James’s commemorative prefaces. Joseph Litvak (1992) and Eve Kosofsky Sedgwick (2003) serve as inspiration in this area with their now famous analyses of the circulation of “shame” and “embarrassment” in James’s self-reflective accounts. For this communication, I follow their example but focus instead on “anxiety”, a highly recurrent word in the prefaces (along with their many derivatives and synonyms). My specific argument is that “anxiety” inscribes a temporal disjunction in the Jamesian prefatory text as it creates a tension between retrospection and prospection, revision and supervision, the institutionalization of an image and its “spectrality.” In my discussion I incorporate insights from Jacques Derrida’s *Specters from Marx* (1994) and *Archive Fever* (1996), but I am also informed by affect theorists and historians, such as Seigworth and Gregg (2010) and Murison (2011). If “anxiety” was a by-product of modernity, as well as of nineteenth-century theories and conceptions concerning the mind and the body, it also seems quite attuned to our times, marked by constant anticipation, threat, and virtualization. Understanding the figure of “anxiety” present in James’s commemorative pieces can enrich our perception of his texts and foreground the importance of affect not only to the literary production but also to the interpretative and critical activities.

Keywords: Henry James; The New York Edition; anxiety; affect; spectrality.

## **GUILHERME MARCHESAN (USP)**

### **REALISMO E MODERNISMO NO ÚLTIMO IBSEN**

A obra do dramaturgo norueguês Henrik Ibsen é tradicionalmente dividida em 3 fases: romântica, realista-naturalista e simbolista – esta última composta por suas quatro peças finais. Por meio da comparação entre aspectos de uma peça dita realista-naturalista e outra dita simbolista, nossa fala se propõe a contestar tal divisão convencional. Como demonstraremos, a diferença do ciclo formado pelas quatro peças finais – a qual se confirma – não está na aparente centralidade dos símbolos, posto que esses se espalham ao longo de toda a dramaturgia do autor. Em vez disso, o que, a partir de *O construtor Solness* (1892), marca a passagem para uma nova fase é um distinto diagnóstico histórico-formal a respeito da condição do indivíduo em uma sociedade na qual o processo de modernização se deu de modo acelerado. A forma destas peças oferece mais de uma porta de entrada para a análise que leva à nossa interpretação; escolheremos, para a exposição, o uso do material popular norueguês na construção de enredo e personagens. Assim, situamo-nos nos recentes debates que advogam em favor do modernismo de Ibsen. Contudo, ao contrário de certos autores que colocam tal modernismo como um universalismo o qual antecipa tendências centro-europeias e antirrealistas, entendemos que a força-motriz de sua obra está no aproveitamento da tradição local e de seu contraste com uma forma importada, como é o drama burguês na Noruega oitocentista. Ao dar configuração a sujeitos cindidos em uma forma a qual supostamente não seria capaz de abrigá-los, Ibsen simultaneamente passa a limpo não apenas a tradição da literatura local e seus postulados sobre a nação, mas também os pressupostos universalistas da forma estrangeira em voga à época. É este ponto de vista crítico à modernização, a nosso ver, o nervo de seu realismo.

Palavras-chave: Henrik Ibsen; crise do drama; Realismo; Modernismo.

## JOÃO DE AZEVEDO E DIAS DUARTE (PUC-RIO/USP)

### ENLIGHTENMENT, REALISM, AND NOVELISTIC FICTION

What connection is there between the Enlightenment, realism and the modern novel, beyond their contemporaneity, i.e., the fact that the three phenomena have the eighteenth century as the chronological landmark of their emergence? In his seminal *The Rise of the Novel* (1957), Ian Watt sought to answer this question, suggesting a structural analogy between the “realist” turn in epistemology, which is consecrated with empiricism, and the “realist” turn in aesthetics, which is realized, in literature, with the rise of the novel, whose narrative procedures seek to “imitate life following the procedures adopted by philosophical realism in its attempt to investigate and report the truth” (2010, p. 33). In this paper, I intend to reopen the question, mobilizing the category of “concept of reality”, coined by the German philosopher Hans Blumenberg. According to Blumenberg, the novel only becomes possible as a literary form to the extent that human artistic creation acquires metaphysical dignity, which in turn depends on a specific ontological foundation: the existence of a world in which reality is neither guaranteed by God, as in the Middle Ages, nor immediately self-evident, as in Antiquity. This condition, achieved during the Enlightenment, alters the old mimetic conception of art, giving rise to a new aesthetic claim: art does not simply represent objects in the world, or even imitate the world, but actualizes a world.

Keywords: Enlightenment; realism; novel.

## **JULIANA FERNANDES DA SILVA (UFRJ)**

Esta pesquisa propõe uma leitura de *A Volta do Parafuso*, de Henry James, a partir da estrutura dos livros-jogos, colocando a ambiguidade da narrativa jamesiana como o elemento principal que convida — ou mesmo obriga — o leitor a participar da construção do enredo. Em consonância com a pesquisa de Marco Arnaudo (2023), que explora as formas que compõem o livro-jogo — rede, árvore e colar de pérolas —, esta investigação busca estabelecer uma conexão entre essa estrutura e a intrincada rede de interpretações que conduz o leitor de *A Volta do Parafuso* a uma pluralidade de eventos finais para a história. Dessa forma, com destaque para os três narradores da obra (Douglas, o narrador não nomeado e a governanta), esta análise evidenciará a conexão entre essas instâncias narrativas e como cada uma delas ecoa de maneira distinta, deslocando a narrativa de seu eixo tradicional e transferindo para o leitor a responsabilidade de decidir como conduzir o enredo — papel análogo ao do leitor-jogador. Portanto, metodologicamente, este trabalho se baseia em uma análise comparativa das estruturas narrativas de *A Volta do Parafuso* e dos livros-jogos, como os de Ian Livingstone., além do diálogo das teorias da narratologia com essa proposição. Infere-se, portanto, que o romance de James — ambíguo, polifônico e repleto de silêncios e incertezas — antecipa mecanismos que, no século seguinte, viriam a constituir os pilares da literatura interativa, permitindo ao leitor preencher essas lacunas e criar diversos desfechos para uma mesma narrativa.

Palavras-chave: Henry James; livro-jogo; ambiguidade; interatividade.

**LUIZA LARANGEIRA DA SILVA MELLO (UFRJ/USP)**

**BEYOND TRUTH AND LIE: JAMESIAN REALISM AND THE STATUS OF FICTION**

As Hans Blumenberg notes, in a 1974 article, “the history of Western literary theory can be summed up as a continuous debate on the classical dictum that poets are liars.” He argues that either the classical dictum or its antithesis – that poets tell the truth – have become *topoi* in the history of Western aesthetic theory. Nonetheless, it is not uncommon for literary theorists engaged in addressing the question of fiction and its historical definitions to argue that, in moments when fiction acquires conceptual contours, its meaning tends to distinguish it from both truth and falsehood. The establishment of a distinct status for fiction between the eighteenth and nineteenth centuries, for instance, also depended on the separation of two genres of discourse—Literature and History—which had previously been united within the unique, though heterogeneous, space of *belles lettres*. For this reason, it is quite curious that the question of the status of fiction and its relationship with the novel was discussed more systematically by Henry James in his famous 1884 essay, “The Art of Fiction,” through an approach that draws together the fiction writer and the historian. In this essay, James asserts that, rather than presenting himself merely as a storyteller or engaging in “make-believe,” the novelist must become aware that the novel is “history,” in the sense of historiography. Based on this proposition, the goal of my presentation is to investigate the relationships between fiction and history, on the one hand, and truth and falsehood, on the other, in the work of Henry James.

Keywords: Fiction; history; truth; lie.



## LUÍS FELIPE FERRARI (USP)

### T. S. ELIOT, LEITOR DE JAMES E DE HAWTHORNE: O MODERNISMO, A CRISE DO LIBERALISMO E A FORMA DO *ROMANCE*

A comunicação procura apresentar dois textos em que T. S. Eliot discute a obra de Nathaniel Hawthorne e de Henry James, o pouco conhecido “Um aspecto ignorado de Champan” (1924) e o ensaio “John Marston” (1934). Nesses textos, voltados em primeiro lugar à obra de dois dramaturgos do século XVII, Eliot identifica afinidades entre as peças de Chapman e Marston e certos aspectos da literatura de James e Hawthorne que fogem à tradição do romance realista. Os comentários de Eliot permitem recuperar a distinção, consagrada no prefácio de Hawthorne a *The House of Seven Gables* e retomada por James, entre *novel* e *romance* no contexto do modernismo britânico. Na leitura de Eliot, a distinção é historicizada e pode ser pensada como uma oposição, respectivamente, entre uma forma própria a uma sociedade modernizada e outra que exprime o negativo de sua época. O ressurgimento de uma sensibilidade seiscentista na modernidade se mostra ligado a uma interpretação da história contemporânea como um estágio de crise dos valores e das instituições liberais. Deste modo, a comunicação objetiva relacionar o interesse de Eliot pelo *romance* norte-americano com um conjunto de ansiedades acerca das percebidas falhas do processo de modernização e com sua expectativa por um renascimento social e cultural que se seguiria à crise do liberalismo. A interpretação que Eliot faz do *romance* pode assim ser acrescentada como um novo elemento à crítica que Eliot move à modernidade e suas expressões culturais, que é examinada por autores como Franco Moretti, Jed Esty e David Chinitz.

Palavras-chave: T. S. Eliot; modernismo; alegoria; *romance*.

## LUÍSA KIESLING CASALI (UFMG)

### UM CONFRONTO COM O REAL DA PRÓPRIA MEDIOCRIDADE: UMA LEITURA DE “THE TREE OF KNOWLEDGE”, DE HENRY JAMES, PELA PERSPECTIVA DO MATERIALISMO LACANIANO DE SLAVOJ ŽIŽEK

No presente estudo, analisamos o conto “The tree of knowledge” (1900), de Henry James, pela perspectiva do Materialismo Lacaniano de Slavoj Žižek, considerando como a dinâmica da tríade formada pelo Real, Simbólico e Imaginário pode ser percebida nas situações vividas pelo protagonista Peter Brench. Baseando-nos principalmente na obra *Bem-vindo ao deserto do Real!* (2002), de Žižek, defendemos que Brench vive uma busca por manter as demais personagens inseridas na rede do Simbólico, para posteriormente descobrir que era o seu próprio encontro com o Real que evitava. O protagonista buscava conservar o filho e a esposa de seu amigo Mallow sem a ciência de que o homem não teria talento para arte, pois temia que se, caso essa informação fosse descoberta, tudo o que ele construiu durante anos de amizade com a família seria completamente destruído. No decorrer da narrativa, o momento que Brench tanto evitava chega, e o personagem paralisa ao se encontrar com o Real da sua própria mediocridade como detentor de valores artísticos e estéticos e também de sua interpretação falha das relações sociais, uma vez que ele não sustentava uma rede Simbólica para as outras personagens. Pelo contrário, ele era o inocente em relação a algo que todos os outros sabiam. Salientamos, por fim, que Brench encontra o Real, mas não o enfrenta. Como demonstrado em sua última conversa com Lancelot, o filho de Mallow, a atitude final que vemos o protagonista tomar é virar as costas para o rapaz, uma indicação de que o homem seguirá desviando o olhar do Real, em vez de procurar uma resignificação que lhe traga paz.

Palavras-chave: Henry James; Slavoj Žižek; Materialismo Lacaniano.

## MARCELO PEN (USP)

### MEMORY AND BEGINNINGS: JAMES IN THE DARKEST ABYSS

Strether's first question leads to an apparent aposiopesis: as Ian Watt points out in "The First Paragraph of *The Ambassadors*," there is no second question, at least not there – but just you wait! Watt also argues that some of the passages' stylistic difficulties are due to the "mere platitude of statement" that James disliked in homodiegetic narratives, and the narrative strategy of the narrator's mind giving the reader Strether's, which Watt associates with "psychological comedy". But what happens when we move on to James's story of the beginnings, *A Small Boy and Others*, which was supposed to be about his brother and turned out to be about himself? When he gives in to "the romantic privilege of the first person – the darkest abyss of romance"? All this freedom has puzzled many readers. On a superficial level, he's going everywhere all the time, he's getting nowhere, there's no Bildung. We do get an indirect approach (James presents James, the little boy), but it doesn't seem to illuminate or complexify the subject in the way we're used to in his novels. By subjecting some passages of his idiosyncratic autobiography to a (kind of) stylistic reading like Watt's, this paper seeks to understand where James seems to be going, rather than where we expect him or a proper autobiographer to go. Perhaps, as we still want to test, in the direction of what Blanchot describes as "the infinite and light space of the narrative as it could have been, as it is before any beginning".

Keywords: First person; autobiography; beginnings; memory.

HENRY JAMES AND THE ART OF REVIEW

Henry James remains a towering figure in English-language literature at the turn of the 20th century. His novels and short stories have inspired generations of writers and filmmakers, while continuing to challenge scholars intellectually across the globe. Beyond his renowned fiction and occasional plays, James was also a prolific author of travel essays, biographies, autobiographies, and literary criticism. In recent years, scholarly attention has increasingly turned to his nonfiction. Most recently, *The Prefaces* (2024), edited by Oliver Herford as part of *The Cambridge Edition of the Complete Fiction of Henry James*, exemplifies this renewed interest. Yet before ascending to his status as one of the foremost Anglo-American authors—and as one of the early theorists of the novel—James began his career with more modest contributions: reviews, travel sketches, and short stories. But what is a review? When did this literary tradition begin, and what purpose does it serve? These are foundational questions. The more pressing one, however, is: What did Henry James do with this genre? What kinds of reviews did he write, and how did his work as a reviewer evolve into literary criticism and reflective commentary on his own writing? In this presentation, I will explore James's career as a reviewer, examining the crucial role reviewing played in shaping his development as both writer and critic, even long after he had achieved literary fame. Like his fiction, James's criticism revitalized the forms he inherited, leaving a distinctive and lasting mark. Although we no longer write contemporary reviews of James's books in the traditional sense—reviews being, by definition, timely responses to new publications—we do continue to engage critically with recent editions, adaptations, and interpretations of his work. Such responses often appear in academic venues, notably in *The Henry James Review*, which celebrates James's literary legacy and expands the definition of "review" to encompass a broader field of critical inquiry.

Keywords: Literary criticism; review writing; nonfiction.

**NATASHA VICENTE DA SILVEIRA COSTA (UFJ/USP)**

**BEYOND BAKHTIN: HENRY JAMES AND THE DILEMMAS  
OF THE CHRONOTOPE IN MODERNIST FICTION**

The concept of the chronotope, developed by Mikhail Bakhtin in the 1930s, has become a crucial theoretical tool for understanding the relationship between literary time and space. For Bakhtin, the chronotope reveals the varied and intermittent modes of assimilating reality in literature, as well as the image of the human being it represents—sometimes passive, sometimes active. It is within the nineteenth-century novel of formal realism that this assimilation manifests most fully and paradigmatically: time and space are specifically indexed, causality is upheld, and consciousness is individualized. However, Bakhtin's formulation raises a critical question: how can we analyze the construction of reality and the image of the human being in literary works—such as those of modernist fiction—that precisely challenge these conventions? Building on this question, this research investigates the limits and possibilities of applying the concept of the chronotope to modernist literature, focusing on the works of Henry James, Virginia Woolf, and James Joyce. I argue that, although the privileged locus of the chronotope is theoretically the realist novel, it can be reconfigured and expanded to account for the formal and epistemic transformations brought about by modernity. By fragmenting temporal linearity, dissolving spatial boundaries, and displacing the centrality of the subject, modernism inaugurates a new chronotopic regime—one that remains underexplored in light of Bakhtinian theory. By proposing this reinterpretation, I aim to contribute to a deeper critical understanding of the concept and to offer analytical pathways more attuned to the specificities of modernist fiction.

**Keywords:** Chronotope; modernism; Henry James; Virginia Woolf; James Joyce.

## **PAULO HENRIQUES BRITTO (PUC-RIO)**

### **THE ROLE OF ABSENCE IN HENRY JAMES'S FICTION**

The work of Henry James marks a critical turning point in the history of Western fiction. The nineteenth-century novel, which may have reached its apogee in Tolstoy, presented a world fully logical, knowledgeable and describable, so that the narrator could provide a complete presentation of it, as well as moral evaluation of all its agents. In James, however, we are confronted with an impossibly complex world of ambiguities and obscurities, where the narrator is not always to be trusted. Thus in some of his narratives we find absence as a constitutive element of the narrative, often represented as a ghost or an absent character. This feature of James's work, also present in his contemporary Machado de Assis's mature narratives, points the way to the modernist fiction of Joyce, Proust, Kafka, Woolf.

Keywords: Narrative absence; unreliable narrator; modernist fiction.

**PAUL ARMSTRONG (BROWN UNIVERSITY)**

**"IS THERE A LIFE AFTER DEATH?": HENRY JAMES  
AND THE NEUROSCIENCE OF LITERARY TIME-TRAVEL**

The dead seem to live again when we read a novel, a poem, or a play and feel the strange but intimate presence of other subjectivities inhabiting our consciousness and our bodies. The power of acts of fictional meaning-making to cross historical distance may seem mysterious, even mystical, but it must have a material basis in our neurobiological equipment for understanding the world. How our embodied, mortal consciousness can reach across historical distance is also a paradox that fascinated Henry James. It is an issue he takes up near the end of his life in his 1910 essay "Is There a Life After Death?" that concludes with the resounding declaration "No, no, no—I reach beyond the laboratory brain." James's skepticism about the "laboratory brain" is shared, however, by much contemporary neuroscience that rejects the notion that a "brain in a vat" (detached from its embodied engagement with the social world) could duplicate the experience of what it is like to be conscious. Neuroscientific theories of embodied cognition can help to explain how, in James's view, cognitive time-travel is possible—how a sense of the past can haunt the present, how we can revisit history and imagine the future, and how the dead can speak to the living through works of literature and art.

Keywords: Neuroscience of Literature; Embodied Cognition; Consciousness; Time-Travel in Fiction.

**PETER BROOKS (YALE UNIVERSITY)**

*HENRY JAMES COMES HOME*

Peter Brooks presents his newly-published book *Henry James Comes Home*, a work that revisits the author's 1904 return to the United States after two decades abroad. James found a country vastly changed from the one he had known before. Suddenly, the future seemed to lie in his homeland, which he had previously regarded as provincial and uninspiring for a novelist. Determined to reconnect with his roots, James undertook an extensive journey across the country, employing his sharp observational skills to document everything he encountered. The work that emerged from this ten-month journey, *The American Scene*, is the focus of this talk, combining biography and critical analysis to reconstruct James's travels throughout the United States. For James, American identity was "a complex fate," and his insightful comments on rampant materialism and the challenges facing democracy remain relevant to this day. At the end, Brooks will read and comment on selected passages from James's *The American Scene*.

Keywords: *The American Scene*; American identity; Transatlantic Return.



## SOFIA MORENA TEIXEIRA COELHO (USP)

### DIDATISMO E PERCEPÇÃO EM *LADY CHATTERLEY'S LOVER* (1928)

O objetivo deste trabalho é examinar o papel da percepção na construção de um efeito didático em *Lady Chatterley's Lover* (1928). Em sua fase tardia, a obra do escritor modernista D. H. Lawrence (1885-1930) assumiria amiúde uma orientação didática, articulada narrativamente por meio da transformação moral de protagonistas femininas. No romance final de Lawrence, após iniciar uma relação amorosa com o guarda-caça de seu marido, Constance Chatterley precisará ressignificar a maneira como percebe e interpreta a realidade. Tal inflexão é formalizada por meio de uma série de recursos narrativos: a representação de modelos de percepção antitéticos, a intervenção de um narrador proléptico e onisciente, e a separação entre aquilo que os personagens percebem e a realidade, permitindo a chancela de certos pontos de vista em detrimento de outros. Sendo assim, este trabalho analisará em que medida a representação da percepção em *Lady Chatterley's Lover*, ao colaborar para a construção de um efeito didático, aponta também para um esgotamento das convenções narrativas realistas mobilizadas no texto. Partindo da noção de Cohen (2018) do gênero literário como uma categoria dinâmica, contrastiva e historicamente situada, valeremo-nos de metodologias comparativas, como as de Greenberg (2012) e Mazzoni (2017), para analisar a reconfiguração dos expedientes formais e construtivos do realismo em *Lady Chatterley's Lover* enquanto gesto fundador de uma linguagem modernista na ficção tardia de D. H. Lawrence. Buscaremos também situar o didatismo laurenciano em relação ao estudo de Suleiman (1983) sobre a interação entre realismo e conceito no romance ideológico.

Palavras-chave: D. H. Lawrence; didatismo; realismo.

## THAÍS SORANZO (USP)

### THE NONCOMMITMENT OF ART IN HENRY JAMES'S "THE LIAR"

This paper aims to discuss the role of art in "The Liar", a short story by Henry James originally published in *The Century Magazine* in 1888. Among the many artist-characters that populate James's fiction, Oliver Lyon stands out as an acclaimed painter who, upon reencountering a former lover who once rejected him, seeks to expose the mistake she made by marrying a dishonest man. Lyon believes that the true nature of her husband will soon be unmasked by the portrait the artist intends to paint. Had the painter succeeded, "The Liar" could be read as a moral tale in which art serves as an effective means of denunciation. With James's characteristic irony, however, the text releases art from any such responsibility. Not only does Lyon's portrait fail to alter the couple's relationship, but the very notion of lying is problematized in the story. Too entangled in the situation himself, the painter, whose perspective is conveyed through free indirect discourse, is incapable of offering an impartial and therefore truthful account. These concerns, familiar to readers of Henry James, had already been articulated in "The Art of Fiction" (1884), an essay in which the author defends the autonomy of art to create its own realities, free from external demands. By establishing parallels between James's critical and fictional works, this paper seeks to explore how certain theoretical ideas acquire greater complexity when extended to fiction. To this end, the analysis draws on key Jamesian critics who have examined the construction of "The Liar", such as Lyall Powers (1961), Wayne Booth (1961), Ora Segal (1969), and Barbara Martineau (1972).

Keywords: Henry James; "The Liar"; art.

**THIAGO RHYS BEZERRA CASS (USP)**

REALISM AND CHATTER IN HISTORICAL NOVELS  
BY WALTER SCOTT AND JAMES FENIMORE COOPER

This paper revisits a longstanding critical assumption tracing back to Hippolyte Taine that aligns the historical novel with an inflated realist mode. We will chart the recurrence of what Jeffrey Williams calls “narrative moments” in seminal historical novels of the British and North American traditions: *Waverley* (1814) by Walter Scott and *The Last of the Mohicans* (1826) by James Fenimore Cooper. We argue that these moments function as explicit instances of narrative reflexivity, where storytelling becomes the very subject of the story. Such reflexivity simultaneously foregrounds and interrogates the fictionality of texts that otherwise adopt a historiographic rhetoric of factuality.

Keywords: Historical novel; realist mode; narrative reflexivity; Walter Scott; James Fenimore Cooper.